

O fantasma do desemprego

Entre os fantasmas que assombram o Plano Real neste primeiro semestre de 1996, o do desemprego se torna cada vez mais ameaçador. Enquanto o presidente da República e sua equipe econômica não se cansam de brandir a estabilidade dos preços e a redução da inflação para mísero um por cento, pouco menos ou pouco mais, as estatísticas mostram, ao mesmo tempo, o outro lado da moeda que o governo não gosta de encarar: a constante eliminação de postos de trabalho em diversos setores da atividade produtiva e o conseqüente aumento do número de desempregados em setores antes com alto nível de oferta de trabalho.

É o que se verifica agora, aqui no Distrito Federal. De acordo com a pesquisa de Emprego e Desemprego da Codeplan, mais 5.400 pessoas ficaram desempregadas em março último na Capital da República, elevando para 139.500 o total que em fevereiro era de 134.100 desempregados, ou seja, 17,2% das 812 mil pessoas que constituem a População Economicamente Ativa do DF. A pesquisa demonstrou ainda que a construção civil e o comércio foram os setores que mais demitiram trabalhadores brasileiros no mês passado e a maior taxa de desemprego (21,4%) foi registrada nas cidades periféricas onde se concentra a população de menor renda e a mão-de-obra menos qualificada.

São números para a reflexão de toda a sociedade, mas especialmente para a análise do governo, visto que o crescimento do desemprego em um nível tão alto, no curto espaço de trinta dias, já exige uma ação mais enérgica para reverter o quadro. As conseqüências de uma taxa de 17,2% de desocupados entre os cidadãos economicamente ativos são as piores possíveis dentro da sociedade que enfrenta, ao mesmo tempo, as dificuldades de reabsorção desses trabalhadores pelo mercado em curto espaço de tempo. O *Jornal de Brasília*, mostrou, em sua reportagem de capa no Caderno de Cidade de ontem, o drama de um pedreiro que está há dois anos em Brasília à procura de emprego e ainda não conseguiu. Mesmo o argumento do secretário-adjunto do Trabalho de que a alta do desemprego é comum nesta época do ano e que a taxa pode cair no próximo trimestre não chega a ser confiável, porque, como ele mesmo diz, tudo depende de o Plano Real se manter estável. Eis, finalmente a questão: o Plano Real, que tantos benefícios traz para uma grande parcela da população, acaba se voltando contra outra que fica fora do mercado de trabalho enquanto - ou porque - a economia se estabiliza. Um fantasma que assombra e promete assombrar ainda durante muito tempo a economia da moeda forte e estável da era pós-inflação de dois dígitos.